

i

27-08-2014

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Sociedade

Dimensão: 3794

Imagem: S/Cor

Página (s): 16 a 19

Crime

© ZOOM //

NÃO VÁ NA

CANTIGA

DO BURLÃO

DA CIDADE

São sofisticados, bem-falantes e usam a vantagem do ritmo acelerado das cidades, impedindo que as vítimas tenham tempo para reagir. Os contos do vigário podem até ser velhos, mas fazem cada vez mais vítimas. Na última década, as burlas aumentaram todos os anos

TEXTOS *Rosa Ramos*ILUSTRAÇÃO *Getty Images*



Zoom // Crime

Apanha-me se puderes. O burlão da cidade é mais rápido e sofisticado

Não são só os idosos do Interior que caem no conto do vigário: o ritmo acelerado das cidades é um trunfo para muitos burlões

ROSA RAMOS
 rosa.ramos@ionline.pt

Foi um golpe perfeito. Duas jornalistas e uma designer, colegas de trabalho, perderam 80 euros em 15 minutos e só por sorte vieram a descobrir que foram enganadas. O burlão apresentou-se como Luís Brasão e até mostrou o bilhete de identidade para provar que não era vigarista. Bem vestido e distinto, contou como tinha vindo de Leiria até Lisboa nessa manhã. "Disse que precisava de falar com alguém que trabalhasse numa das empresas do edifício do nosso escritório", conta B., jornalista, que quis saber a razão da urgência.

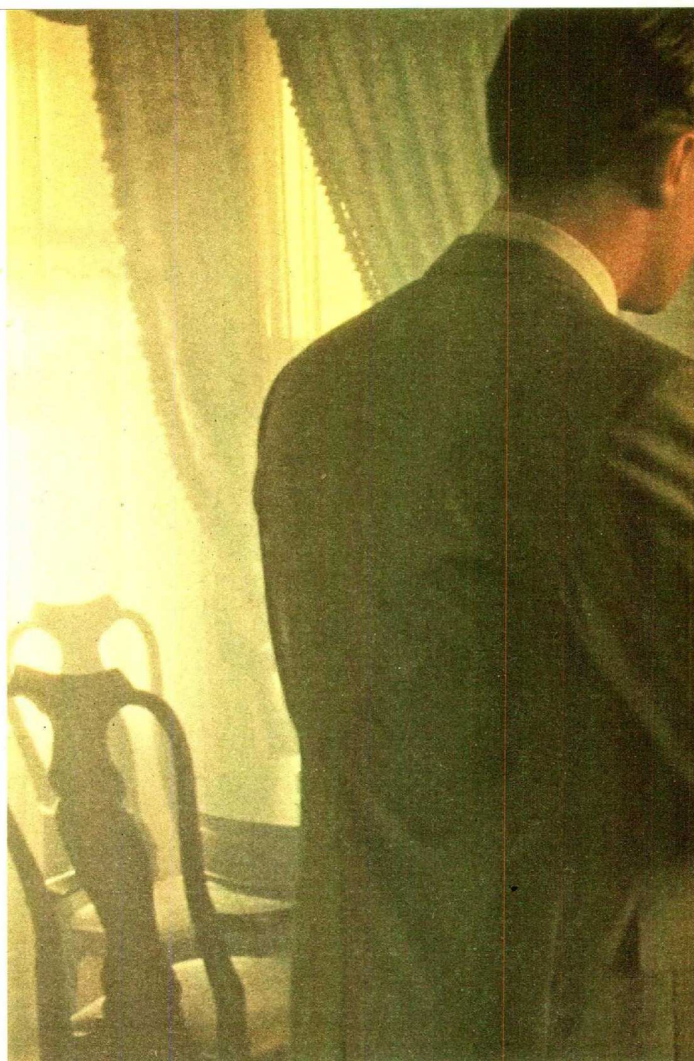
Lúis desfiou o drama: o filho morreu na noite anterior num acidente de carro em Cabo Verde e, assim que soube da notícia, correu para o aeroporto. Não foi mais longe porque lhe faltavam 66 euros para o bilhete. O burlão, que atacou numa zona de escritórios em Lisboa e à hora de almoço, não fuge muito do perfil-tipo traçado pela PSP. Os vigaristas que actuam nas cidades são sobretudo homens, com aspecto sóbrio e bem vestidos. Convencem pelo discurso cuidado e ganham a confiança das vítimas mostrando documentos – de identificação ou que provem que trabalham num determinado sítio – e apelando ao coração.

O conto do vigário é dos métodos mais antigos de fazer dinheiro fácil e ainda

hoje continua a fazer vítimas. O último Relatório Anual de Segurança Interna aponta mesmo para um aumento de fraudes e burlas, que agora envolvem todo o tipo de esquemas, "dos mais tradicionais aos mais sofisticados". Desde 2003, o número de crimes não tem parado de subir. Só no ano passado registaram-se 12 287 casos, mais 11,4% que em 2012. Há uma década o número era bem inferior – oscilava entre 5 e 6 mil casos por ano.

A maioria das burlas continua a acontecer em zonas rurais, tendo como alvo idosos, à partida mais vulneráveis. Ainda assim, nas cidades também há quem caia na conversa dos burlões, que se aproveitam do ritmo acelerado de vida e da confusão para mais facilmente enganar as vítimas. Os grandes centros urbanos, conta uma fonte da PSP, são aliás vantajosos para os vigaristas, que podem actuar mais facilmente sem ser reconhecidos, desaparecendo de imediato e atacando de seguida noutras zonas.

Lúis Brasão, por exemplo, enganou as três colegas de trabalho em Campolide, mas já terá feito vítimas noutras zonas de Lisboa e até na Margem Sul. Mas só 24 horas depois de terem sido burladas é que as duas jornalistas e a designer descobriram. Depois de contar que o filho tinha morrido, o burlão enumerou os azares que o perseguiram durante toda a manhã – problemas com o banco, recusas da embaixa-



da de prestar auxílio e enganos a apanhar os transportes públicos. Pelo meio, desatou num pranto. "Um choro de desespero, como nunca tinha visto na vida", garante uma das vítimas. O verdadeiro golpe psicológico ficou para o fim: sentado numas escadas, e enquanto bebia um copo com água que a designer lhe tinha ido buscar para se acalmar, Luís Brasão confrontou as vítimas com uma pergunta: "Já viram o que é chegar a esta idade e não ter sequer dinheiro para ir ver o meu filho morto?" Minutos depois, as três já esta-

vam no multibanco a levantar o dinheiro. O burlão agradeceu, registou o telemóvel de uma delas e prometeu ligar assim que chegasse a Cabo Verde. "Não é preciso, não esteja a gastar dinheiro com isso", respondeu-lhe uma delas.

HISTÓRIAS MAIS ELABORADAS As histórias que os burlões contam nas cidades são por norma mais elaboradas que as usadas nas freguesias rurais. "Porque as vítimas são mais difíceis de convencer. Os alvos não são idosos e muitas vezes são pessoas instruídas e natural-

Esquemas

Os contos do vigário mais usados

A burla dos trocos

Por regra, o esquema é praticado por duas pessoas e os alvos são cafés e farmácias. Os burlões compram um artigo barato e pagam com notas de 500, 200 ou 100 euros. Depois de receberem o troco e o artigo, desistem da compra e pedem o dinheiro de volta. Antes de devolverem o troco, e sem que o vendedor se aperceba, retiram uma ou duas notas de baixo valor. Pelo meio, o cúmplice do burlão tenta distrair o vendedor – que acaba por não verificar o que recebeu de volta.

A falsa herança

Um primeiro burlão aborda a vítima na rua e conta que está à procura de uma determinada empresa. Conta também que traz consigo uma elevada quantia de dinheiro – de um familiar que já morreu ou está doente – e que precisa de entregar a uma determinada pessoa dessa empresa. Chega entretanto o segundo burlão, que, por coincidência, diz conhecer a pessoa e adianta que esta já morreu. A burla acaba com a vítima a levantar dinheiro do banco e a entregá-lo aos burlões, que, em troca, lhe dão um saco com com notas fotocopiadas.

Os falsos funcionários

É um clássico, mas continua a ser frequente, segundo a PSP. O burlão apresenta-se como funcionário da câmara, das Finanças ou de uma empresa de manutenção e informa que há uma desconformidade que é preciso resolver. Em alguns casos, propõe à vítima o pagamento de uma determinada quantia para evitar uma fiscalização. Noutros casos, finge que está a reparar o problema em causa, recebendo dinheiro pelo falso serviço prestado.

Periodicidade: Diária**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 80000**Temática:** Sociedade**Dimensão:** 3794**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 16 a 19

Leonardo DiCaprio interpretou no cinema Frank Abagnale Jr – que nos anos 60 conseguiu uma fortuna fazendo-se passar por médico, advogado e piloto

D.R.

Se é bom de mais, é de desconfiar

A PSP recomenda

- Não embarque em histórias que impliquem donativos de dinheiro, mesmo que lhe pareçam reais ou comoventes
- Desconfie de negócios que pareçam vantajosos e que estejam desfasados dos valores praticados no mercado, mesmo que tenham como justificação um motivo aparentemente válido (saída repentina do país, mudança de casa, nascimento de filhos, etc.)
- Ninguém dá nada a ninguém, por isso não embarque em histórias em que lhe seja prometido dinheiro
- Tente fazer eventuais pagamentos pessoalmente, se estiver na mesma área geográfica que o vendedor/comprador, de maneira a poder ver e experimentar o produto
- Google o vendedor: se tiver enganado alguém, poderá haver referências em blogs e fóruns
- No arrendamento de casas de férias, peça sempre fotos adicionais do imóvel
- Peça a um amigo que contacte o vendedor e se mostre interessado em alugar o imóvel na mesma semana em que pretende arrendar. Se for burla, o vendedor poderá tentar fazer um duplo negócio
- Peça o NIB do vendedor e não pague no multibanco através da opção "pagamento de serviços"
- As burlas relacionadas com ofertas de emprego estão a aumentar. Caso esteja à procura de trabalho no estrangeiro, recuse propostas em que lhe seja pedido dinheiro

mente desconfiadas por estarem habituadas à vida da cidade", explica a mesma fonte da PSP. Se nas aldeias, segundo a GNR, muitas burlas continuam a acontecer ao domicílio e a envolver esquemas tradicionais, como as notas de euro que vão acabar, a TDT, a entrega de medicamentos ou falsos funcionários da Segurança Social, nas cidades os esquemas utilizados são outros. A PSP conta que as burlas urbanas mais frequentes envolvem falsos peditórios, enganar nos trocos, heranças falsas e videntes (ver caixas). Contrariamente

ao que se possa pensar, até as pessoas mais instruídas vão na cantiga: "Não existe um perfil-tipo das vítimas de burlas." E a história do burlão Luís Brasão comprova-o. As três colegas só descobriram que tinham sido enganadas porque uma das jornalistas fez uma pesquisa na internet. E até confirmou, no site de um jornal cabo-verdiano, que tinha havido um acidente de carro no dia anterior e na cidade que o burlão referira. Mas o artigo não falava em mortos, só em feridos. Intrigada, contactou os colegas de Cabo Verde, que confir-

maram que não tinha havido mortes.

No dia a seguir, e na sequência de um contacto para a embaixada de Cabo Verde, as três colegas ouviram o que não queriam: Luís Brasão é afinal um velho conhecido na embaixada – onde já chegaram dezenas de queixas: "Disseram-nos que faz vida disto e que tanto actua em Lisboa como na Margem Sul." A abordagem foi há mais de um mês, mas continua a ser tema de conversa na empresa: "É inacreditável pensar no papel que o homem fez, a chorar compulsivamente, e que caímos numa coisa destas."

O falso familiar

Também é um clássico e o burlão apresenta-se como familiar da vítima, usando referências vagas e fazendo perguntas para conseguir juntar informação que depois usa, ao longo da conversa, para fazer crer que é mesmo da família. No desenrolar da conversa pede dinheiro, supostamente para um outro familiar que está doente ou para a reparação urgente de um carro. Algumas burlas deste género acabam em furtos. Os criminosos ganham a confiança da vítima e pedem para ver as jóias guardadas em casa, ficando depois com elas.

As videntes

É das burlas mais rentáveis. Normalmente, é praticada por mulheres à porta de centros de saúde, cemitérios e outros lugares onde possam encontrar pessoas emocionalmente vulneráveis. Dizem ter faculdades transcendentais e recorrem a demonstrações e pequenos truques para provar que têm poderes. A vítima acaba por desabafar e falar dos seus problemas e as burlonas prometem a resolução de tudo em troca de dinheiro. Atacam na rua, em casas particulares e até em escritórios, além de serem anúncios nos jornais.

Os falsos peditórios

O método é antigo, mas continua a render dinheiro. O burlão diz que está a fazer um peditório para uma instituição de solidariedade e pede donativos. Há burlões que actuam durante os peditórios nacionais de associações de renome (que costumam ser anunciadas na comunicação social), o que leva as vítimas a entregar algum dinheiro mais facilmente. Pedir documentos aos burlões pode não ser suficiente. A PSP adianta que muitos forjam identificações para provar que estão ligados às associações.

Os falsos arrendamentos

As burlas através da internet são cada vez mais frequentes. Nesta altura do ano avolumam-se as queixas relacionadas com falsos arrendamentos de casas de férias. Os burlões publicitam imóveis inexistentes em sites de classificados e em jornais. Depois exigem o pagamento adiantado de parte da renda, por transferência bancária e cheque ou dinheiro enviados por correio. Antes negociaram com a vítima ao telemóvel ou via email (para ganharem maior credibilidade).